

Os Thugs

Os **Thugs** (do inglês **Thuggee** ou **tuggee**, ठग्गी) foram uma fraternidade secreta de assassinos e ladrões de viajantes, que aparecem na [História da Índia](#). Os registos indicam que se tornaram operantes a partir do século XVI (embora possam ter começado bem antes, no século XIII) até meados do século XIX.

No livro *The Strangled Traveler: Colonial Imaginings and the Thugs of India* (2002), Martine van Woerkens sugere que as provas da existência do culto dos Thugs no século XIX, foram em parte produto da "imaginação colonial", originária do temor dos britânicos pelo interior desconhecido da Índia, com suas religiões e costumes obscuros e não compreendidos por eles. Daí provém a palavra "thug" presente no [Inglês moderno](#), que pode ser traduzida como "bandido" ou pessoa violenta.

Alguns historiadores classificam os Thugs como um [culto](#) ou seita.

O líder do grupo era chamado de *jamaadar*. A palavra não se refere somente aos Thugs, mas também a um posto militar designado de "jemadar" ou "jamaadar", que na verdade equivaleria a "tenente" para os oficiais nativos do exército britânico e depois no Exército da Índia Independente.

Dentre os bandos Thugs havia Hindus, Sikhs e Muçulmanos, que adoravam a Deusa da Morte Kali (ou Durga), a quem chamavam de Bhowanee.[1] . Os Sikhs eram poucos, mas um dos principais líderes, Sahib Khan, era dessa religião [2] [3] . Outro notório líder foi Behram, a quem se chegou a atribuir e a seu grupo de 30 ou 50 assassinos, a morte de 931 pessoas de 1790 a 1830. Estudos recentes, no entanto, dão esse número como exagerado. Estimou-se na verdade em 125 pessoas[4] . Behram nunca chegou a ser julgado pelos seus crimes [5]



Gravura de Thugs e ladrões publicada na revista [Illustrated London News](#), por volta de 1857

Métodos de ação

Os grupos de Thugs praticavam em larga escala roubos e assassinatos de viajantes. O [modus operandi](#) era se disfarçarem de nativos amigáveis e guias até que levassem as comitivas para um lugar determinado (os locais preferidos eram chamados de *beles*) e os roubavam e matavam. Eles praticavam estrangulamentos laçando o pescoço das vítimas com um lenço amarelo chamado de "Rumaal", que traziam amarrado na cintura. Em função desse método, eles também

eram chamados de *Phansigars*. Os assassinos escondiam os corpos, enterrando-os ou emparrando-os em muros. [6]

Os Thugs procuravam não deixar testemunhas, armas ou cadáveres nos locais dos crimes. Os grupos também não se concentravam em uma determinada região, mas agiam por todo o [sub-continento indiano](#) e se estendiam para territórios não dominados pelos britânicos. As vezes levavam os filhos das vítimas para crescerem como Thugs. Até 1830, eram apenas policiais locais, facilmente corrompíveis, que estavam designados para os confrontarem.

A perseguição aos Thugs



Um grupo de thugs, por volta de 1863

Os Thugs e seus seguidores foram proibidos pelo Império Britânico em 1830 [6] graças aos esforços do funcionário civil William Sleeman, que começou uma ostensiva campanha contra esses nativos. A organização policial chamada de "Thuggee and Dacoity Department" foi fundada pelo Governo da Índia, com William Sleeman assumindo o cargo de superintendente em 1835. Milhares de homens foram feitos prisioneiros, executados ou expulsos das possessões britânicas na Índia[6] A campanha se baseou em informações de espiões disfarçados e Thugs capturados, que receberam a promessa de proteção e favorecimentos se contassem o que sabiam. Por volta de 1870 o culto dos Thugs já tinha se extinguido, mas os "crimes tribais" e a "casta de assassinos" ainda permaneceram.[7] . A polícia continuou a existir como departamento até 1904, quando foi substituída pela "Central Criminal Intelligence Department".

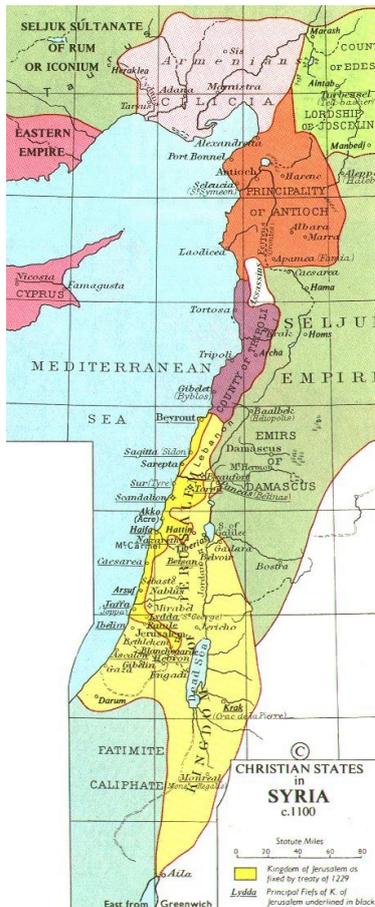
Ordem de Assassinos (Arábico:[1] حشاشين Ḥashāshīn ou باطنیان Bāteniān) foi uma seita fundada no século XI por Hassan ibn Sabbah, conhecido como O Velho da Montanha. Seu fundador criou a seita com o objetivo de difundir nova corrente do ismaelismo, que ele mesmo havia criado. Sua sede era uma fortaleza situada na região de Alamut, no Irão.

A fama do grupo se alastrou até o mundo cristão, que ficou surpreso com a fidelidade de seus membros, mais até que com sua ferocidade. Seu líder possuía cerca de 60 mil seguidores, segundo alguns relatos da época especulavam. Para Bernard Lewis, autor de Os Assassinos, haveria um evidente paralelo entre essa seita e o comportamento extremista islâmico, assim como o ataque suicida como demonstração de fé.

O ismaelismo é uma das correntes do esoterismo islâmico, que se enquadra no Islão Xiita.

Etimologia

O termo viria de "Assass" – ou seja, "os fundamentos" da fé islâmica. Mas muitas são as versões sobre essa [nomenclatura](#), como nome da seita teria dado origem às palavras "assassino" e outras semelhantes em várias línguas europeias. Desde [Marco Polo](#), que se acredita que o termo provém de "haxixe", ou que o nome da erva [haxixe](#) tem origem no ato de "haschichiyun", que significa "fumador de haxixe". Algumas fontes cristãs medievais relatam que os Assassinos teriam por hábito consumir esta substância antes de perpetrarem os seus ataques, induzindo-lhes a visão do [Paraíso](#). Contudo, as fontes ismaelitas não fazem referência a qualquer prática deste tipo, sendo esta lenda resultado de relatos de Marco Polo e de outros viajantes europeus no [Médio Oriente](#).



No entanto, Amin Malouf afirma que a verdade é diferente. De acordo com textos que chegaram até nós a partir de Alamut, Hassan-i Sabbah gostava de chamar seus discípulos de Asasiyun, ou seja, pessoas que são fiéis à Asas, que significa "fundação" da fé. Esta é a palavra, mal compreendida pelos viajantes estrangeiros, que parecia semelhante ao 'haxixe' ".

O método dos Assassinos

Apesar de andarem uniformizados na fortaleza de Alamut com trajes brancos e um cordão vermelho em volta da cintura, quando recebiam uma missão, camuflavam-se. Preferiam se misturar aos mendigos das cidades da Síria, da Mesopotâmia, do Egito e da Palestina para não despertarem a atenção. No meio da multidão urbana, eles levavam uma vida comum para não atrair suspeitas, até que um emissário lhes trazia a ordem para atacar. Geralmente, eles aproximavam-se da sua vítima em número de três. Se por acaso dois punhais, lâminas ocultas nas mangas ou espadas fracassasse, haveria ainda um terceiro a completar o serviço. Atuavam em qualquer lugar - nos mercados, nas ruas estreitas, dentro dos palácios e até mesmo no silêncio das mesquitas, lugar por eles escolhido em razão das vítimas estarem ali entregues à oração e com a guarda relaxada.

Até o grande sultão Saladino, seu inimigo de morte, eles chegaram a assustar, deixando um punhal com um bilhete ameaçador em cima da sua alcova.

Origens

Os Assassinos resultaram de uma disputa sucessória no [Califado Fatímida](#), uma dinastia [xiita](#) que governou o [Norte da África](#) e o [Egito](#) nos séculos X e XI. Após a morte do [califa fatímida al-Mustansir](#) em 1094, [Hassan ibn Sabbah](#) recusou-se a reconhecer o novo califa, [al-Musta'li](#), decidindo apoiar o irmão mais velho deste, [Nizar](#).

Em 1090, Hassan e os seus partidários já tinham capturado a fortaleza de [Alamut](#), situada perto da actual cidade iraniana de [Teerão](#). Esta fortaleza serviu como centro de

operações, a partir da qual Hassan comandava a realização de ataques nos territórios que são hoje o [Iraque](#) e o [Irão](#).

A partir do [século XII](#), os Assassinos começaram a atacar a [Síria](#), tendo tomado vários castelos situados nas montanhas de An-Nusayriyah. Um desses castelos foi [Masyaf](#), a partir do qual [Rashid ad-Din as-Sinan](#) governou de forma praticamente independente em relação a Alamut.

Kamikaze ou, em [português](#), **camicase** ^[1] ^[2] ^[3] (do [japonês](#): 神風, *kami* significando "deus" e *kaze*, "vento", comumente traduzido como "vento divino") era o nome dado aos pilotos de aviões japoneses carregados de explosivos cuja missão era realizar ataques suicidas contra navios dos [Aliados](#) nos momentos finais da [campanha do Pacífico](#) na [Segunda Guerra Mundial](#). Desde então, a palavra *kamikaze* (em português, **camicase**) passou a ser usada em diferentes línguas como metáfora para pessoas, ações ou práticas potencialmente suicidas, inclusive em sentido figurado.

O nome oficial dos camicases originais era ***Tokubetsu Kōgekитай*** (Unidade de Ataque Especial), também conhecidos pela abreviação ***Tokkōtai*** ou ***Tokkō***. As unidades da marinha eram chamadas de ***Shinpu Tokubetsu Kōgekитай*** (Unidade de Ataque Especial Vento Divino), em alusão a tempestades que salvaram o Japão do ataque mongol em duas ocasiões (1247 e 1281), portanto os pilotos suicidas iriam salvar novamente o Japão de novos mongóis: os estadunidenses. O termo "*kamikaze*" já era usado pelos americanos.^[4]

Cerca de 2 525 pilotos morreram nesses ataques, causando a morte de 4 900 [soldados aliados](#) e deixando mais de 4 mil feridos. O número de navios afundados é controverso. A [propaganda](#) japonesa da época divulgava que os ataques conseguiram afundar 81 navios e danificar outros 195. A [Força Aérea Americana](#) alega que 34 barcos afundaram e 368 ficaram danificados.^[5]

A prática de tais ataques suicidas foi inserida em uma época em que os militares do [Império Japonês](#) estavam em crise. No [Ataque a Pearl Harbor](#) em dezembro de 1941 os japoneses tinham a vantagem de possuir os [Mitsubishi A6M Zero](#), caças ágeis e manobráveis que representavam uma ameaça aos norte-americanos, mas em 1943 com a introdução do [F6F Hellcat](#) a situação mudou, pois esses caças americanos possuíam uma tecnologia superior a qualquer outro caça japonês, com o uso do [radar](#), novidades táticas e em maiores quantidades, os Estados Unidos conquistou o espaço aéreo. Na [Batalha do Mar das Filipinas](#) nos dias 19 e 20 de junho de 1944, o Império Japonês teve a baixa de cerca de 600 aviões; na [Batalha de Formosa](#) entre 10 a 20 de outubro de 1944, mais 500 aviões japoneses foram perdidos.^[4]

Em 19 de outubro de 1944, o vice-almirante [Takijiro Onishi](#) convocou uma reunião formal com vários oficiais e apresentou-lhes seus planos, defendendo o que considerava a única forma pelo qual um pequeno contingente pudesse atacar com grande eficácia, organizando ataques suicidas com os caças [Mitsubishi A6M Zero](#) armados com 250 kg de bombas para atacar porta-aviões inimigos. Assim foi feito, porém nenhum dos oficiais que prepararam tais planos se ofereceu para a missão.^[4]

Às 10h47min de 25 de outubro de 1944 ocorreu o primeiro ataque kamikaze. Em uma esquadrilha de cinco Mitsubishi A6M Zero na Ilha de [Samar](#) (Filipinas), o líder [Yukio Seki](#) atingiu o porta-aviões USS St. Lo. Após 30 minutos, o incêndio atingiu o paiol principal do navio que se destruiu, causando a morte de 140 estadunidenses. Seki, quando foi entrevistado pelo jornalista Onoda Masashi numa preparação à propaganda kamikaze, declarou: "Se é uma ordem, eu vou. Mas não irei morrer pelo imperador ou pelo Império Japonês. Vou morrer por minha amada esposa. Se o Japão perder ela

pode acabar estuprada pelos norte-americanos. Estou morrendo por quem mais amo, para protegê-la."^[6] Os kamikazes foram considerados pela religião [xintoísta](#) oficial do Estado, espíritos guardiães da pátria.^[4]



Kiyoshi Ogawa, um kamikaze que voou em seu avião para colidir com o porta-aviões [USS Bunker Hill](#) durante uma missão em 11 de maio de 1945.



Grupo de jovens Kamikazes

Recrutamento e voo

A maior parte dos kamikazes eram estudantes recrutados de universidades. O governo anunciava que a decisão de se tornar um suicida era voluntária. No entanto, não era isso que ocorria. Durante o treinamento, espancamentos brutais eram feitos frequentemente por qualquer motivo. No dia em que os soldados eram chamados para anunciar se queriam ser voluntários, ouviam um discurso patriótico e a importância de se sacrificar pelo imperador. Em seguida, os que se voluntariavam davam um passo a frente, pouquíssimos desafiavam a pressão das autoridades. Nesses jovens havia a consciência da qual suas mentes desde criança já aprendiam tal ideologia, bem como um sentimento de culpa enquanto seus compatriotas morriam. O historiador William Gordon ([Universidade Wesleyan](#)) afirma que membros do Exército e da Marinha "eram apontados como membros de esquadrões suicidas sem sequer ter a chance de se tornarem voluntários."^[4]



Um kamikaze prestes a se chocar no [USS Missouri](#).

Eram dados aos kamikazes instruções para como procederem, sendo os alvos principais os porta-aviões. Durante o momento de mergulhar com o avião não deveriam fechar os olhos, pois poderiam errar o alvo, indo parar na água. No dia do voo fatal, escreviam poesias, ganhavam um brinde de [saquê](#), levavam a bandeira, amarravam a [hachimaki](#) (faixa) e talvez também usavam o [sennibari](#) (cinto). Em época de florada carregavam ramos de cerejeira. Ainda levavam uma espada e uma pistola para o caso de fracassarem e poderem se suicidar. Além do modelo Mitsubishi A6M Zero, outros aviões foram usados. Algumas vezes obtinham ajuda de escoltas regulares, mas geralmente tinham de enfrentar os caças estadunidenses que detectavam seus aviões pelo radar, e tentavam resistir até poder colidir no convés de um navio.^[4]

Visão

A ideologia promovida pelo Estado mostrava o culto à morte, um incentivo aos pilotos. Os diários dos pilotos mostrava que eram perturbados com a ideia da morte, e alguns até mesmo contrários ao sistema político do Império. No Japão, era divulgado pela imprensa e o governo apenas o que pudesse servir como propaganda, incluindo relatos e testamentos demonstrando o espírito japonês, a devoção pelo imperador e poemas de morte mencionando a [sakura](#) (flor da cerejeira), símbolo nacional. A antropóloga Emiko Ohnuki-Tierney ([Universidade do Wisconsin-Madison](#)) nega comparações com [homens-bomba islâmicos](#), defendendo que eram recrutados como parte dos soldados daquela nação que recebiam ordens para morrer e não tinham como alvo civis.^[4] Nos Estados Unidos, as primeiras reportagens sobre os kamikazes vieram em abril de 1945 após a censura ocasionada pelos militares. A imprensa moldou a imagem de fanáticos.^[4]